

GOLPE MILITAR PUBLICADO NOS CADERNOS ESPECIAIS ONLINE DOS JORNAIS FOLHA DE SÃO PAULO, ESTADO DE SÃO PAULO E PORTAL G1: ANÁLISE DA COBERTURA DA IMPRENSA

MILITARY GOLPE PUBLISHED OUR SPECIFIC FRAMEWORKS ONLINE OF THE JOURNALS FOLHA DE SÃO PAULO, ESTADO DE SÃO PAULO E PORTAL G1: ANALISE DA COBERTURA DA IMPRENSA

Elizabeth Oliveira

Jornalista. Membro do Grupo de Estudos Comunicação e Economia Criativa, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Católica de Brasília (UCB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4910-237X>. E-mail: elizabeth.oliveira@ucb.br

Eliane Muniz Lacerda

Jornalista. Doutoranda e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora e pesquisadora do curso de Jornalismo e Publicidade Propaganda da Universidade Católica de Brasília (UCB), além de pesquisadora colaborado do PPGCOM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7587-3434>. E-mail: eliane.lacerda@p.ucb.br

Robson Borges Dias

Jornalista, doutor e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professor e pesquisador no PPGCOM/UCB, linha Processos Comunicacionais nas Organizações. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1560-2058>. E-mail: rbsn.dias@gmail.com

RESUMO

A pauta jornalística se caracteriza pelo uso de efemérides, fatos importantes que recebem atenção quando fazem aniversário. Dessa forma, o artigo avalia a pauta do Cinquentenário do Golpe Militar de 31 de março de 1964 no Brasil. O corpus de análise são matérias jornalísticas de coberturas especiais desse evento veiculadas em março de 2014. Por serem pautas elaboradas, possuem vários elementos de discurso, diagramação e caracterização que ilustram esses fatos, segundo o olhar e capacidade de documentação e registro da vida cotidiana ou mesmo da história pelo Jornalismo. Trata-se de pesquisa exploratória, pesquisa documental, instrumentalizada pelo estudo de caso, por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) de matérias jornalísticas dos jornais Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo e Portal G1, com abordagem de análise qualitativa em amostragem aleatória. A abordagem é por meio da hipótese do agenda-setting e enquadramento da mídia (MARTINO, 2010, p. 14). Os resultados mostram que alguns veículos abordam o assunto de modo mais isento, imparcial e objetivo do que outros.

Palavras-chave: Jornalismo; Ditadura Militar; Agenda Setting; Enquadramento.

ABSTRACTS

Journalism can be characterized by the use of ephemeris, important factors that are taken into account when celebrating the anniversary. This form, the article evaluates the agenda of the 50th anniversary of the Military Golpe of March 31, 1964 in Brazil. The analysis body has journalistic materials of specific coverage of this event filed in March 2014. For our elaborated cases, we may have various elements of discourse, diagramming and characterization that illustrate these facts, secondly or even if they are story of history in Journalism. Take exploratory search, documentary search, instrumentalized case study, by means of content analysis (BARDIN, 1977) of journalistic materials from the journals Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo e Portal G1, with approach of qualitative analysis in random sampling. Abortion is by means of the hypothesis of agenda-setting and framing of the media (MARTINO, 2010, p. 14). The results show that some vehicles approach the mode as a more present, impartial and objective mode than others.

Keywords: Journalism; Military dictatorship; Agenda Setting; Framework.

1 INTRODUÇÃO

O dia que durou 21 anos¹ é um exemplo do que acontecera naquela época, logo após a Segunda Guerra Mundial, em boa parte da América Latina. O mundo enfrentava uma questão existencial, que perdura até os dias de hoje e segue dividindo-o, numa relação binária, entre comunistas e capitalistas, esquerda e direita. No Brasil, com o propósito de acabar com o comunismo, foi deflagrado, no dia 31 de março de 1964, o golpe militar, que prosseguiu até 15 de março de 1985².

Apesar do milagre econômico - que muitos alegaram numa tentativa de justificar ou amenizar as consequências da ditadura, são indiscutíveis as sequelas e cicatrizes deixadas. Até hoje existem desaparecidos políticos. A lista oficial da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, organizada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, trabalha com o número de 362 vítimas. Já no relatório feito pela Comissão Nacional da Verdade - CNV consta a história de 434 mortos e desaparecidos políticos durante o regime ditatorial. Esse número pode ser bem maior se levado em conta a quantidade de pessoas que foram presas, torturadas e mortas clandestinamente. A ditadura militar no Brasil foi marcada por forte repressão. Foi uma das primeiras da América Latina e a que durou mais tempo, 21 anos. A ela sucederam-se várias outras no Continente. O cerceamento tanto político quanto cultural foi bastante severo com direito aos episódios de tortura física e psicológica. Quem fosse contrário ao governo de qualquer um dos presidentes era punido.

Aquele período foi marcado também pela falta de liberdade de expressão. O regime se impôs drasticamente pela restrição dos direitos constitucionais dos cidadãos brasileiros, como o de ir e vir; de se manifestar; assim como à inviolabilidade domiciliar.

Seu ápice ocorreu no governo do general Costa e Silva³, quando foi baixado o Ato Institucional nº 5 que dava plenos poderes aos governantes para punir arbitrariamente os “inimigos” do governo, os subversivos. Porém, é de se admirar que, ainda assim, nesse cenário totalmente hostil, tenham surgido vários produtos culturais como forma de resistência ao regime.

A subversão política aparecia também nos versos das músicas, nas páginas dos livros, nas performances de teatro e nas telas do cinema. Artistas como Chico Buarque⁴, Caetano Veloso⁵, Gilberto Gil⁶, Geraldo Vandré⁷, Glauber Rocha⁸, Hélio Oiticica⁹, entre outros, tiveram papel fundamental na transformação do cenário artístico-cultural¹⁰ da época.

1 Há controvérsia sobre o momento exato do golpe, se de fato foi dia 31 de março ou dia 1º de abril. Para este estudo utilizaremos a data de 31 de março como consta nos relatórios da CNV.

2 Quinta República Brasileira, Anos de Chumbo, Ditadura Militar, Regime Militar, Ditadura Civil-Militar, Revolução Redentora ou Revolução Democrática de 1964. Todas essas nomenclaturas referem-se à uma época obscura do País, período que precisa ser lembrado para não cair no esquecimento e não ser repetido.

3 Artur da Costa e Silva (1899-1969) foi o segundo presidente da Ditadura, da chamada linha-dura militar.

4 Francisco Buarque de Hollanda é músico, dramaturgo, escritor e ator brasileiro.

5 Caetano Emanuel Viana Teles Veloso é músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro.

6 Gilberto Passos Gil Moreira é cantor, compositor, multi-instrumentista, produtor musical, político brasileiro. Mais recentemente membro da Academia Brasileira de Letras.

7 Geraldo Pedrosa de Araújo Dias é advogado, cantor, compositor e poeta brasileiro.

8 Glauber de Andrade Rocha (1939-1981) foi cineasta, ator e escritor brasileiro.

9 Hélio Oiticica (1937-1980) foi um artista plástico performático, pintor e escultor.

10 A revista Época Digital fez uma lista de 50 obras produzidas durante a ditadura. Disponível em: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/03/b50-obras-produzidas-na-ditadura-militar.html>

Após 50 anos da ditadura militar no Brasil, a imprensa brasileira relembrou diversos acontecimentos daquele período. Alguns jornais de circulação nacional criaram páginas online especiais sobre o assunto. São páginas dinâmicas com textos, fotografias, vídeos, infográficos que permitem, de algum modo, resgatar um pouco da história desse momento sombrio do País.

O objetivo é o de fazer uma análise da cobertura dos cadernos especiais sobre os 50 anos do Golpe Militar no Brasil publicados pelos sites dos jornais de circulação nacional já citados, identificando o perfil das narrativas de fatos agendados por cada veículo. Para isso, utiliza-se a abordagem teórica da Hipótese de *Agenda-Setting* e o Enquadramento da mídia. De acordo com Shaw (1979 apud WOLF, 1999, p. 62), “as pessoas têm tendência a incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que *os mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo”. Desse modo, a Hipótese de *Agenda-Setting*, ou agendamento da mídia como é também conhecida, refere-se à pauta dos acontecimentos apresentados pela imprensa.

Já o Enquadramento, ou *Framing*, diz respeito à “como” esses acontecimentos são apresentados. As linhas de investigação buscam: nos cinquenta anos do golpe militar no Brasil, o que foi apresentado pela imprensa (1) Qual o enquadramento dado pelos jornais a respeito dos fatos (2) as diferenças e semelhanças de abordagem entre esses jornais (3).

O artigo está dividido em seções com: contexto histórico, Abordagem pela perspectiva da Agenda Setting e Enquadramento da mídia, Procedimentos Metodológicos e Análise dos dados.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO

Com o fim do Estado Novo, o Brasil viveu o chamado Período Democrático, ou Populista, de 1945 a 1964 (FAUSTO 1999). Em outubro de 1960, Jânio Quadros venceu as eleições diretas sob o jingle “varre, varre, vassourinha, varre, varre a bandalheira”.

João Goulart embora fizesse parte de outra chapa, ganhou como vice-presidente, visto que naquela época podia-se votar separadamente tanto para Presidente como para vice, e assim Jânio não conseguiu eleger seu candidato, o político e jornalista Milton Campos. E assim foi constituída a chamada chapa ou movimento Jan-Jan, formada por Jânio e Jango -como ficou conhecido João Goulart (CPDOC/FGV).

O país estava afundado em uma crise institucional. O presidente ocupava-se “de assuntos desproporcionais à importância” de seu cargo (FAUSTO, 1999. p, 437). Seu mandato durou apenas sete meses, o suficiente apenas para se tornar polêmico. Proibiu o “lança-perfume”, o uso “do biquíni” e pôs as “brigas de galo” na ilegalidade, além de instituir, é claro, o famoso ‘pijânio’ para os servidores públicos.

Em 25 de agosto de 1961 surpreendeu a todos com sua renúncia. A preocupação foi maior, pois no momento em que Jânio renunciava, João Goulart estava em visita diplomática à China, visivelmente comunista¹² - fato que reforçou a ideia da temida implantação de um governo socialista nos “Estados Unidos do Brasil”.

Os fatores que levaram ao regime militar foram em sua maioria econômicos - os quais interferiam diretamente e iam contra os interesses dos EUA, caso fosse implantado o sistema comunista.

A polarização comunismo *versus* capitalismo foi de grande relevância para que de fato ocorresse a ditadura. Ainda que velado, o golpe foi organizado com o apoio maciço, inclusive financeiro e com infantaria norte-americanos, tendo como personagem principal o embaixador dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, Lincoln Gordon, o qual não via problemas em financiar até mesmo políticos e candidatos numa campanha anti-Goulart, segundo o documentário *O dia que durou 21 anos*.

Em sua coluna no portal Globo Educação, o professor Leandro Augusto Martins¹⁴ Júnior explica que “grupos mais conservadores” temiam o avanço do “perigo vermelho”.

“A situação do Governo Goulart se agrava com o reatamento das relações comerciais e diplomáticas do Brasil com a União Soviética” (JUAREZ, 2009, p. 270). Diante do avanço do socialismo¹⁵ - que já havia tomado toda a -extinta- União Soviética, os Estados Unidos viram sua supremacia ser ameaçada e, por meio de acordos intervencionistas, preveniram uma possível tomada da América Latina.

Paralelamente à Guerra Fria, Jango assumiu a difícil tarefa de governar um país mergulhado numa crise econômica em cascata. Tomou posse num momento totalmente conturbado, cada vez mais inquieto e volátil.

Porém, sua posse só ocorreu no dia 7 de setembro de 1961 com uma ressalva: deveria governar em regime parlamentarista¹⁶. Essa foi a condição que os militares impuseram para que fosse cumprida a ‘constituição’ – “formalmente, manteve a constituição de 1946 com várias modificações, assim como o funcionamento do congresso” (FAUSTO. 1999, p. 465).

Em 1963, ocorreu mais uma vez as eleições. Desta vez ganhou o presidencialismo e Jango teve o apoio do povo com quase 80% dos votos (Documentário “O dia que durou 21 anos”).

Em 31 de março de 1964, a “conspiração militar e civil articulada com o poder econômico e com o apoio ostensivo de Washington, desfecha o golpe contra o presidente João Goulart” (JUAREZ, 2009, p. 270).

Com tendências populistas - uma das bandeiras do seu partido, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e tachado de comunista por ter políticas inclinadas à ideologia -, Jango em seu Plano Trienal incentivou as reformas de base que propunham reformas estruturais, uma delas a reforma agrária que buscava, sobretudo o desenvolvimento social.

Lutar com todas as suas forças pela reforma da sociedade brasileira. Não apenas pela reforma agrária, mas pela reforma tributária, pela reforma eleitoral ampla, pelo voto do analfabeto, pela elegibilidade de todos os brasileiros, pela pureza da vida democrática, pela emancipação econômica, pela justiça social e, ao lado do povo, pelo progresso do Brasil.¹¹

As ideias não agradaram principalmente à elite. Por isso, atualmente, alguns pesquisadores preferem chamar o episódio de Golpe e/ou Ditadura Civil-Militar. O termo tornou-se mais propício ao passo que a sociedade civil, e não somente os militares, também participou ativamente do contexto histórico-social, e todo o processo só teve êxito graças ao seu apoio direto ou indireto.

¹¹ Trecho retirado do discurso do presidente João Goulart, no comício na Central do Brasil, sexta-feira, 13 de março de 1964. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1oQ3tBlBu18> pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo.

Grande parte do empresariado, da imprensa, dos proprietários rurais, da Igreja católica, vários governadores de estados importantes (como Carlos Lacerda, da Guanabara, Magalhães Pinto, de Minas Gerais, e Ademar de Barros, de São Paulo) e amplos setores de classe média pediram e estimularam a intervenção militar, como forma de pôr fim à ameaça de esquerdização do governo e de controlar a crise econômica.¹²

O regime teve ao todo, cinco presidentes militares¹⁹. Logo após o presidente do senado, Auro de Moura Andrade, declarar vaga a Presidência da República, o presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli, assumiu a presidência interinamente.

No dia 15 de abril de 1964 foi definido, por meio de votação indireta no Congresso (FAUSTO, 1999), quem ocuparia o posto da Presidência da República era o marechal **Humberto Castelo Branco**. Sob o exercício de uma “ditadura temporária” (GASPARI, 2014), o cearense compunha o chamado Grupo da Sorbonne ou Castelistas- grupo moderado da Ditadura, pois os integrantes advindos da Escola Superior de Guerra acreditavam na (re) democratização por meio da ‘limpeza’ e combate à expansão comunista. Seu governo foi reconhecido imediatamente, pelos norte-americanos, como legítimo.

A intenção era de que ao final do seu mandato, o poder voltasse a um representante civil e assim garantir que ocorressem normalmente as eleições de 1965, já que o AI- 1 tinha prazo de validade e expirava em 31 de janeiro de 1966.

Em 17 de outubro de 1965, Castelo baixou o AI-2 e “mostrou a essência antidemocrática da moderação castelista” (GASPARI, 2014, p. 240). Ficou decidido que presidente e vice seriam eleitos apenas por votação indireta em sessão pública no Congresso Nacional e para acabar com qualquer desconfiança, o voto seria nominal.

Além disso, todos os partidos foram fechados e apenas duas legendas eram permitidas: a Aliança Renovadora Nacional - Arena, e o Movimento Democrático Brasileiro - MDB, de oposição.

Depois de suprimidos vários direitos, no dia 15 de março de 1967 “Castelo entregou a Presidência da República a **Costa e Silva** e foi morar num apartamento de três quartos, numa rua interna de Ipanema” (GASPARI, 2014, p. 260).

Durante seu governo foi proferido o mais duro golpe contra a democracia: o **AI-5**, que vigorou até meados de 1978 e deu aos governantes poderes excepcionais para perseguir e torturar livremente os ‘subversivos’ que assim julgassem necessário; cassou mandatos; suspendeu por dez anos todos os direitos políticos dos cidadãos; impediu o direito ao habeas corpus; além do fechamento do Congresso, conforme ilustrado na Figura 1.

12 Idem.

Figura 1 - Ato Institucional nº 5 suspende direitos.



Fonte: (REVISTAÉPOCA, 2022).

Mas foi durante o governo de **Emílio Garrastazu Médici**, de 1969 a 1974, que o Brasil viveu um período de bonança; e os anos de chumbo.

O Milagre Brasileiro e os Anos de Chumbo foram simultâneos. Ambos reais, coexistiam negando-se. Passados mais de trinta anos²², continuam negando-se. Quem acha que houve um, não acredita (ou não gosta de admitir) que houve o outro (GASPARI, 2014).

Entre 1968 e 1973, aconteceu o chamado *milagre econômico*, motivo pelo qual muitos justificam e pedem a volta do regime/ditadura.

Nesse período a inflação disparou e o PIB brasileiro chegou a crescer mais de 11% ao ano, impulsionado pelo aumento de empregos e melhorias em infraestrutura - como a construção da Transamazônica, ponte Rio-Niterói e Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional.

Uma das frases utilizadas pelo ministro da fazenda à época, Delfim Neto, era “fazer o bolo crescer para depois dividi-lo” (FOLHA DE S.PAULO, 2008²³), o que significava que a concentração e distribuição de renda era totalmente desigual, ou seja, apenas os mais ricos desfrutavam do tal milagre.

Foi nessa época também que foi instituído o Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização, o equivalente ao EJA de hoje, e o projeto Rondon. Além disso foram lançados os slogans: ‘Brasil: ame ou deixe-o’; ‘Este é um País que vai pra frente’ e ‘Ninguém mais segura este País’, como uma

forma de criar uma identificação patriota na nação, ufanista, como é feito em regimes autoritários²⁴, em que o famoso historiador Maquiavel explica que “mais vale ter contra si os poderosos do que o povo”, visto que “do contrário não terá apoio nas adversidades” (MAQUIAVEL, 2010).

Paradoxalmente, foi o período de maior repressão, torturas e julgamentos, pois foi nesse período que o governo tenta - e consegue -, desarticular o movimento contra a ditadura formado por militantes do Partido Comunista do Brasil - PC do B e camponeses - inspirados pelas Revoluções Cubana e Chinesa -, que ficou conhecido como a guerrilha do Araguaia, iniciado entre o final da década de 60 e meados da década de 70.

Numa luta desigual, o governo envia mais de 3.500 homens do exército, marinha e aeronáutica contra 69 militantes do PC do B e 17 camponeses munidos de revólveres calibre 38, espingardas e facões. O governo sai vitorioso e ao menos 41 guerrilheiros foram mortos.

Logo depois o general **Ernesto Geisel** cumpre seu mandato de 1974 a 1979, dá início ao processo de redemocratização de forma “lenta, gradual e segura”. Recebeu de seu antecessor as consequências do milagre: endividamento externo; alta da inflação e crise do petróleo.

É também durante o seu mandato que o jornalista Vladimir Herzog¹³ é assassinado pelo DOI-CODI¹⁴.

O último presidente, desses anos nebulosos, foi o general **João Baptista Figueiredo**, governou de 1978 a 1985. Já aberto à democracia, os militares da Linha-dura - os mais radicais- queriam a continuidade do regime. E em 1981 - como forma de convencer o governo de que era necessário continuar com a repressão - armam o que ficou conhecido como “Atentado ao Riocentro”, onde planejavam explodir uma bomba no evento em comemoração ao dia do trabalhador.

Outra questão importante foi a criação da Lei da Anistia, no decorrer de seu mandato, que até hoje é alvo de várias problematizações.

2.1 LIBERDADE CONCEDIDA E VIGIADA

O Brasil, desde a sua independência, já havia experimentado outros regimes autoritários a exemplo do Estado Novo, mas nenhum como o regime militar. “São esses dois períodos os que mais negam a liberdade e a democracia no país, [...] a começar pela negação da livre manifestação do pensamento” (JUAREZ BAHIA, 2009. p. 235)

A imprensa teve papel fundamental para a personificação do perigo, na imagem de Jango. As emissoras eram financiadas pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD⁷), numa propaganda Anti-Goulart (documentário O dia que durou 21 anos).

Durante três meses – janeiro, fevereiro e março – os meios de comunicação de massa atuam em bloco emitindo uma opinião e um noticiário dirigidos para enfraquecer e demolir o “inimigo comum”, personificado em Goulart (JUAREZ, 2009).

¹³ Vladimir Herzog era diretor de jornalismo da TV Cultura. Foi assassinado no dia 25 de outubro de 1975.

¹⁴ Destacamento de Operações de Informações - Departamento do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), era um órgão subordinado ao exército que praticava tortura.

Depois de Jango fora de combate, deu-se início a imposição de regras pelo processo censório, com represálias ao meio artístico e, sobretudo, ao jornalístico.

Um marco do Jornalismo no Brasil foi sem dúvida a criação da Lei de Imprensa em 1967, ainda durante o governo de Castelo Branco. A Lei nº 5.250/67 dispunha sobre como as redações e empresas dos meios de comunicação deveriam se portar perante o governo. O que de acordo com o jornalista Juarez Bahia (2009) representa um verdadeiro risco social quando o jornalismo se submete “sem exceção a um partido, ou poder econômico ou ao Estado, sem considerar a natureza diversificada da opinião pública”.

O que poderia ser veiculado, precisaria antes de mais nada, passar pelos olhos julgadores dos censores, “onde o censor se torna colaborador do autor e o autor cúmplice do censor” (DARNTON, 1972 *apud* KUSHNIR, 2001).

Inicialmente os censores eram em suma ou jornalistas ou policiais infiltrados nas redações trabalhando como jornalistas, que inclusive foi uma das acusações feitas ao jornal Folha da Tarde, pertencente ao atual grupo Folha de São Paulo¹⁵.

Durante esse lapso temporal, “A comunicação entre os censores do DIP e os veículos se fazia pessoalmente (os censores são civis, funcionários públicos ou militares recrutados aos serviços de informação das Forças Armadas) por telefone ou por escrito” (JUAREZ BAHIA. 2009, p. 302). Situação agravada pelo decreto do AI-5 que determinou que os “principais jornais classificassem de terrorismo todas as ações armadas praticadas por guerrilheiros” (Entrevista, 1992, Alberto Dines).

Kushnir defende ainda que as grandes empresas de comunicações colaboraram e foram “vendidas” ao regime, a ponto do Jornal Nacional, da TV globo, em 25 de janeiro de 1984¹⁶, informar apenas que o comício realizado na Praça da Sé, em São Paulo, que reuniu mais de 500 mil pessoas, “foi uma festa em comemoração ao aniversário da cidade” (JUAREZ, 2009. p. 246).

O medo ultrapassava as barreiras do senso da liberdade de expressão. Jornalistas viam-se coagidos e coibidos pelo Departamento de Censura de Diversão Pública - DCDP. De mãos atadas e vozes caladas, a única solução era pedir a volta dos censores, como acontecido no antigo *Pasquim*¹⁷, em que o jornalista Ziraldo enviou uma carta ao então ministro da justiça, Armando Falcão, solicitando a volta do censor, enfatizado pela ilustração de uma mão se ‘afogando’ e ao lado escrito ‘help’ (KUSHNIR, 2001. p. 16).

Sendo assim, o papel de informar o que ocorria por detrás dos porões, ficava a cargo dos veículos alternativos. Notícias sobre prisões, torturas, cassações, também eram informadas pelos grandes veículos, todavia de forma disfarçada, e por vezes, apagada. De acordo com Alberto Dines (1987 *apud* MEDINA), “a censura não é apenas o controle da informação. Existem várias formas de controlar a informação. Às vezes se controla o fluxo ou às vezes se controla o teor da informação”. A começar pela escolha de palavras e narrativa, como evidenciada a seguir, que também é uma forma de se posicionar a favor ou contra a situação (enquadramento).

¹⁵ Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite, se juntam em 1º de janeiro de 1960 e formam o grupo Folha de S. Paulo.

¹⁶ Vídeo disponível no acervo da emissora. <http://globotv.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/diretas-ja-19831984/2231981/>.

¹⁷ Criado em 1969, foi um semanário alternativo brasileiro, reconhecido por fazer oposição ao regime, chegou a vender mais de 200 mil exemplares, mas foi fechado no final de 1991. Teve mais uma edição em 2002, encabeçada por Ziraldo e intitulada OPasquim21, e parou de ser produzido em meados de 2004.

3 ABORDAGEM PELA PERSPECTIVA DA AGENDA SETTING E ENQUADRAMENTO DA MÍDIA

Este artigo tem como perspectiva de abordagem a Teoria dos Efeitos a Longo Prazo ou como é comumente chamada, Hipótese de *Agenda-Setting*. Entretanto, para saber como se dá o processo da Hipótese de *Agenda-Setting*, antes é necessário conhecer um pouco do seu campo.

Não é fácil definir o que é comunicação, tampouco analisá-la. Há quem a reduza somente à troca de informações entre emissor e receptor. Mas a comunicação antes de mais nada segue os preceitos da física de ação e reação, sendo entendida também como “um tipo de relacionamento intencional exercida sobre outrem” (MARTINO, 2010, p. 14).

Porém, a questão complica quando se envereda para o campo da comunicação de massa. A área como ciência começou a ser estudada há pouco, começo do século passado, e é impossível analisá-la separadamente dos outros campos de estudos. “Bateson, Goffman e Watzlawick, entre outros, propõem a uma compreensão da Comunicação como processo social permanente que deve ser estudado a partir de um módulo circular” (ARAÚJO, 2010, p. 119).

É também uma área do conhecimento interdisciplinar. Como cita Silva (2010, p. 173) é “atravessada por outras disciplinas: Sociologia, Antropologia, Linguística, Filosofia, Ciências Políticas”.

A história das pesquisas em comunicação tem seu ponto de partida mais perceptível com a *Mass Communication Research*, com as pesquisas norte-americanas na Escola de Chicago.

Com o passar dos tempos, novas pesquisas surgiram e o campo da comunicação foi amplamente modificado. “Ou seja, passou-se dos efeitos entendidos como mudanças a curto prazo para efeitos entendidos como consequências de longo período”(WOLF, p.138, 2005).

A captação de dados passou a usufruir de metodologias integradas e não mais, somente, a partir de pesquisas de opinião ou entrevistas (IBIDEM).

Assim, a Hipótese de *Agenda-Setting* sugere que os processos comunicacionais, principalmente da comunicação de massa, provocam na sociedade uma alteração cognitiva dos indivíduos, influenciando então a sua percepção de mundo.

Embora a origem do termo tenha começado no pensamento de Walter Lippman ainda em 1922 com seus estudos sobre opinião pública, a hipótese só começou a ser estudada veemente em 1952 por Kurt e Gladys Lang e, posteriormente, por Bernard Cohen, em 1963.

No entanto, somente depois dos anos 1970 é que estudos mais aprofundados e aperfeiçoados foram feitos.

Já em 1972 foi publicado o artigo “The Agenda-Setting Function of Mass Media”, por Maxwell McCombs e Donald Shaw.

Dessa forma, o Agendamento funciona como um filtro no qual a própria mídia seleciona sobre o quê e o que é falado. Molda a ‘opinião’ pública a tal ponto para que seja discutido somente o que é exposto por ela. Não dando a devida relevância a outros fatos igualmente importantes na sociedade. Fazendo com que abra-se um debate até mesmo dentro dos círculos sociais dos indivíduos, e dando maior visibilidade para o que está em foco nos grandes veículos de comunicação.

As pessoas apenas enxergam o mundo através de uma moldura de uma janela. Se a moldura da janela É muito pequena, as pessoas só enxergarão uma pequena parte do mundo. Se a janela na parede é voltada para o oeste, as pessoas apenas enxergarão o oeste. Em outras palavras, a mídia pode mostrar apenas uma pequena parte do mundo a partir de um particular ponto de vista. (PARK, 2003, *apud* LEAL, 2006. tradução nossa)¹⁸

Entretanto, a notícia respeita o fluxo de ‘disponibilidade’ e hierarquização. Conforme Wolf (2005), as informações seguem as premissas de a) ordem do dia; e b) hierarquia de importância, no qual a ordem do dia sobressai à hierarquia.

Embora haja uma aproximação entre agendamento e enquadramento, são assuntos distintos. O Enquadramento da mídia, Enquadramento noticioso ou *Framing*, que também é utilizado na análise das matérias, inicialmente defendido por Erving Goffman em 1970, refere-se a angulação da notícia, a partir da utilização pela imprensa de palavras capazes de formular o acontecimento de acordo com a perspectiva dos autores das matérias e reportagens.

Sendo assim, “não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia” (ABREU, 2000). O detentor da informação é, assim, capaz de “esculpir” no imaginário dos receptores/ decodificadores uma imagem de acordo com seu ponto de vista. Como o teólogo, escritor e professor universitário, Leonardo Boff relata em seu livro *A águia e a galinha*, “todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo” (BOFF, 1997, p. 9).

As duas perspectivas servem de embasamento para a construção política, econômica e social da sociedade em geral, já que uma complementa a outra. Segundo Barkhtin (1992 *apud* ABREU 2000), por meio da língua, com todos os seus significados e significantes, é possível perceber as transformações sociais que são refletidas no espectro da ideologia.

4 ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa busca compreender, a partir das teorias e hipóteses, como foi feita e reportada a (re)construção do ambiente que perdurou os 21 anos. Os jornais utilizados como referências para o trabalho possuem estruturas diferentes, por conseguinte serão analisados de acordo com suas especificidades. O portal G1, por exemplo, é bem mais dinâmico que os outros dois, apresenta as informações de forma rápida e não se preocupa com a profundidade do tema. A página da Folha de São Paulo se engaja muito mais em evidenciar as consequências e prejuízos deixados pelo regime do que propriamente o que ocorreu para que fosse instaurado o sistema, como fez o Portal G1. Já o Estadão organiza as informações de modo que situa o leitor tanto antes quanto depois do ocorrido, além de fornecer embasamento, por meio de entrevistas com especialistas, sobre o tema.

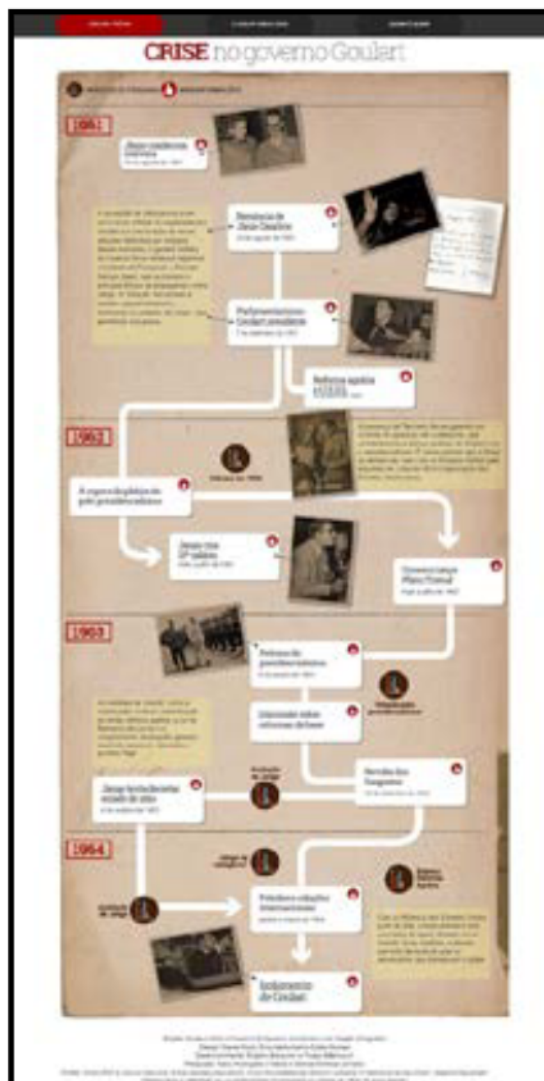
Confira a seguir a análise de cada jornal.

¹⁸ Original: “People only see the world within the frame of the window. If the frame of the window is too small, people will see only a small part of the world. If the window is on the west wall, people will only see the west. In other words, media may show only a small part of the world from a particular point of view”.

4.1 AMOSTRA 1 PARA ANÁLISE DE AGENDA E ENQUADRAMENTO: PORTAL G1

A página especial feita pelo portal G1 (Figura 2) traz o universo principalmente de antes da ditadura. Visualmente, bem estruturada e organizada. O cenário é remontado a partir de fotos, vídeos e áudios da época. No entanto, não há preocupação em discutir sobre o que ocorreu durante o período, apenas expor os acontecimentos organizados cronologicamente. Em nenhum momento são mencionados ou retratados os episódios de tortura e violação que aconteceram. Ao acessar a página, existem três tópicos principais (três botões) que mostram o conteúdo de cada seção.

Figura 2 - Mapa Mental.



Fonte: (G1, 2022).

Agendamento: O primeiro tópico/botão busca mostrar o que levou os militares e sociedade civil a pedirem a intervenção militar. É intitulado “BRASIL PRÉ-64”. Nele tem-se o apanhado desde a renúncia de Jânio Quadros até a crise no governo de João Goulart. E é feita uma espécie de ‘mapa mental’, no qual o infográfico organiza os acontecimentos. São questões pontuais e explicações

rápidas, claras e sucintas, o suficiente para que o leitor se situe no tempo e espaço da época. Para tanto, é utilizado artifícios audiovisuais, como gráficos simples que facilitem a visualização e permitam a compreensão mais ágil do assunto. Ao clicar em cada foto, automaticamente é aberta uma página com uma explicação breve sobre o acontecimento.

Enquadramento: A página elenca apenas alguns fatos importantes que aconteceram e corroboraram para que desse início ao processo de tomada do poder. Os fatos apresentados em suma não têm profundidade e por vezes falta informação, como a primeira foto que aparece no infográfico que mostra Jânio condecorando Che-Guevara, não há explicação sobre o porquê da condecoração, somente que o ato causou “indignação” (Figura 3).

Figura 3 - Jânio condecora Che Guevara (G1).



Fonte: (G1, 2022).

O segundo tópico, intitulado “O GOLPE EM 33 DIAS”, faz um apanhado geral sobre os fatos mais importantes que ocorreram para que fosse implantada a ditadura.

Agendamento: Nesta seção têm-se as mobilizações populares, da marinha, e de outros setores que repudiavam a posição de Jango, prevendo uma implantação comunista.

Enquadramento: Os episódios são relatados cronologicamente e divididos nos meses de março dias 13 (comício), 19 (marcha da família com Deus pela liberdade), 24 (revolta dos marinheiros), 30 (discurso no automóvel clube) e 31 (Mourão Filho dá início ao golpe); e abril dias 1 (o golpe avança), 2 (presidência é declarada vaga), 4 (Jango parte para o exílio), 9 (baixado o AI-1) e 15 (Castelo Branco Assume a Presidência). As datas que são incluídas na matéria, fazem parte do enquadramento dado pelo portal, visto que poderiam ser elencados todos os dias e não escalonar. O questionamento: o que aconteceu nos dias que não foram citados?

O terceiro e último tópico da página é intitulado “QUEM É QUEM” (Figura 4 e 5). **Agendamento:** Há um quadro no qual se divide Forças Armadas; Governo; movimentos, entidades e sindicatos; partidos; Igreja (Católica) e Estados Unidos; em Pró-Jango e Pró-Golpe.

Enquadramento: as Figuras 4 e 5 ilustram as 65 pessoas ou entidades ligadas diretamente ao golpe. E para se saber sobre cada um deles, basta clicar sobre a foto e é aberta uma página com informações rápidas sobre a pessoa e como atuou no processo da ditadura.

Figura 4 - Quem é quem?



Fonte: (G1, 2022).

Figura 5 - Quem é quem? Continuação.



Fonte: (G1, 2022).

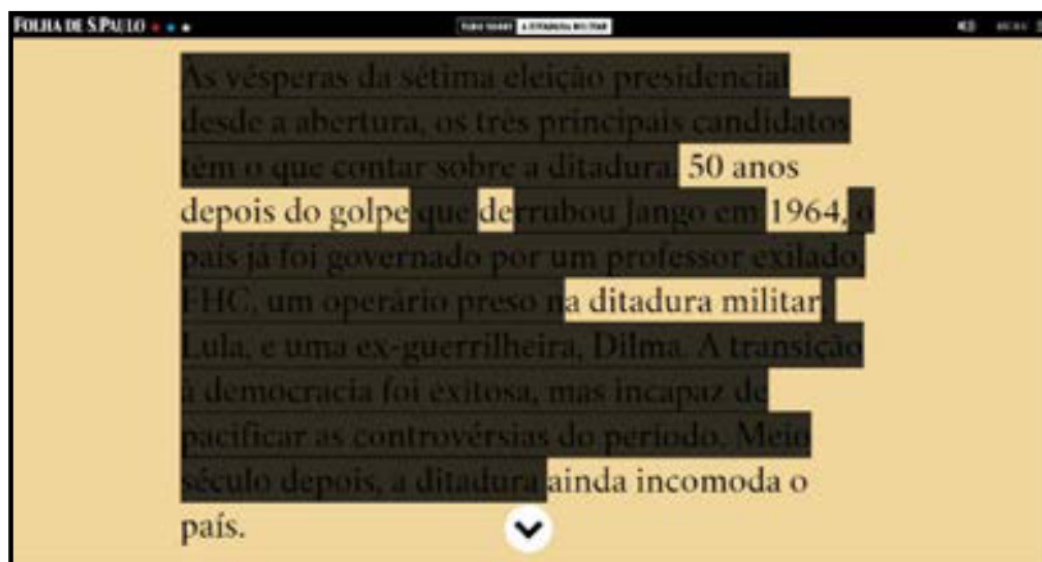
4. 2 AMOSTRA 2 PARA ANÁLISE DE AGENDA E ENQUADRAMENTO: FOLHA DE SÃO PAULO

O jornal Folha de São Paulo traz uma abordagem diferente e em vez de o leitor escolher o que quer ver primeiro é guiado por um “labirinto”, onde ao final de cada matéria há um botão em forma de seta que o leva a próxima matéria. É bastante atualizado e traz um panorama dos 50 anos após o regime militar e não somente mostrar o cenário.

A reportagem especial do veículo é bastante interessante principalmente por sua diagramação. Ao movimentar o cursor do mouse pela página, ela se movimenta dando a

impressão de que está tudo 'caindo', assim como à época estava tudo conturbado e fora do lugar, conforme apresenta Figura 6.

Figura 6 - Tudo sobre a Ditadura Militar (Folha de São Paulo).



Fonte: (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022).

E quanto ao quesito conteúdo, o jornal ganha em disparada frente aos outros dois analisados, com mais informações e um acervo bastante diversificado.

Agendamento: A proposta da Folha já é diferente do portal analisado anteriormente, pois neste há uma contextualização com o cenário do momento, no qual Dilma enfrentava o repúdio de boa parte da população assim como ocorreu no começo da década de 60 com João Goulart. Há mais elementos gráficos e áudios que elucidam e dão cadência aos fatos apresentados. Além do enfoque para a contextualização, percebe-se uma preocupação do jornal em apresentar os fatos de forma didática, com vídeos explicativos, por exemplo.

Figura 7 - O Golpe e a Ditadura Militar (Folha de São Paulo).



Fonte: (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022).

Enquadramento: A escolha das imagens com certeza compõem o enquadramento do veículo que ao colocar imagens reais e chocantes da época, busca conscientizar e advertir a população dos perigos de um golpe. O jornal elenca os episódios mais importantes da época, assim como o G1, mas

com mais informações e profundidade, assim também como fatos que não foram abordados pelo concorrente, como a guerrilha do Araguaia (Figura 8 e 9).

Figura 8 - No centro da crise: Jango e seus aliados.



Fonte: (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022).

Figura 9 - No centro da crise: Jango e seus aliados: continuação.



Fonte: (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022).

A utilização de gráficos torna bem mais fácil a compreensão do leitor, o que está bastante presente nas matérias feitas pelo jornal da mesma maneira que os recursos gráficos. É possível identificar ainda, um maior cuidado com a apuração durante o processo de reconstrução do cenário.

Como falado anteriormente, há a preocupação com a contextualização. Vários personagens da época, como Delfim Neto, Marcelo Ridenti, Fernando Henrique Cardoso, Daniel Aarão Reis,

entre outros, foram chamados para falar sobre o episódio, o que torna mais dinâmica a absorção do conteúdo, conforme ilustrado na Figura 10.

Figura 10 - Mosaico de imagens reais (Folha de São Paulo).



Fonte: (FOLHADESÃO PAULO, 2022).

Um dos diferenciais do jornal é especular sobre como teria sido aquele momento caso não tivesse de fato ocorrido o golpe ou outros eventos que o jornalista elenca como “episódios-chave”. E são propostas várias opções.

Ao fim dessa longa análise, não há um botão que redirecione para a página inicial, entretanto, ao voltar há ainda mais informações. Como **“Comissão da Verdade revela 17 centros clandestinos usados pelas Forças Armadas na Ditadura Militar”**- que é uma notícia e não reportagem como a anterior.

Em seguida há uma outra notícia sobre a exibição de uma maratona de filmes sobre o golpe: **“Seis maratonas e mostras de filmes relembram os 50 anos do golpe**. Mas que se encaixa como “serviço”.

Outra notícia: **“Comissão de Verdade vai mapear centros de tortura da ditadura”**. E **“Levar militares à prisão é tiro no pé, diz deputado e ex-guerrilheiro”**, um artigo de opinião escrito pelo ex-deputado Alfredo Sirkis.

Duas entrevistas: **“Quem quebrou o Brasil foi Geisel, afirma ex-ministro Delfim Netto”**, com o ex-ministro Delfim Netto; e uma **“Entrevista inédita de Jango expõe sua opinião sobre o golpe de 1964”**, obtida com exclusividade pela Folha, na Universidade do Texas, feita pelo historiador norte-americano John W. Foster Dulles.

Abaixo há um vídeo da TV Folha: **“Após repercussão, professor de direito da USP se isola e ouve música lírica”**, o mesmo que tinha feito a “aula apologética” à “Revolução de 1964”.

E mais abaixo, cinco notícias gerais: **“CNBB afirma que golpe de 1964 foi ‘erro histórico’ de setores da igreja”**; **“‘Past blogging’ da Folha relembra hora a hora do golpe de 1964”**; **“Economistas comparam o período da ditadura com governo Dilma”**; **“O exército brasileiro não era de nada”, afirma Francisco de Oliveira** e **“O que faziam os personagens antes o golpe”**.

E ao lado a opinião de **13 colonistas** que falam sobre o assunto. “Ricardo Melo”; “Rubens Ricupero”; “Carlos Heitor Cony”; Ruy Castro”; “Elio Gaspari”; Valdo Cruz”; “Hélio Schwartsman”; “Marina Silva”; “Jânio de Freitas”; “Vladimir Safatle”; “Aécio Neves”; “Vinícius Mota” e “Reinaldo Azevedo”.

4.3 AMOSTRA 3 PARA ANÁLISE DE AGENDA E ENQUADRAMENTO: ESTADÃO

Dos três jornais analisados apenas o Estadão, ou O Estado de S.Paulo, é quem fala mais abertamente sobre o tema de censura e tortura ocorridos na época. E traz uma proposta diferente dos outros, com uma abordagem mais ampla com opiniões de colonistas, matérias, entrevistas, reportagens e vídeos atuais. Ao dividir a página em três blocos, por exemplo: 1964; Censura à imprensa e Tortura.

Agendamento: Na primeira divisão, intitulada **“1964”** tem-se um quadro randômico com sete matérias: “Choque entre duas visões de Brasil”; “Embaixador dos EUA pediu dinheiro, adido militar e armas para apoiar o golpe”; “Se houvesse confronto, seria um massacre”; “Eu assumi para ser deposto (entrevista com José Sarney)”; “Ainda não temos crença na democracia (entrevista com Fernando Henrique Cardoso)”; “No segredo dos desaparecidos, uma ditadura ainda de pé” e “Nunca fomos tão felizes. Então veio o golpe”. E logo abaixo, mais quatro matérias estáticas. “Documentário mostra influência do governo dos EUA no golpe de 1964”; “Chefe da casa Militar disse a Jango que não havia nada fora da rotina”; “Especial: os fatos históricos que resultaram no golpe militar de 1965” e “Regimento de Juiz de Fora se preparou 18 dias para guerra que não houve” (Figura 11).

Figura 11 - Tudo sobre 1964.



Fonte: (ESTADO DE SÃO PAULO, 2022).

Enquadramento: Ao acessar as matérias já se percebe o impacto causado pela estrutura e palavras utilizadas, a começar pela forma de escrita que é bastante diferente dos anteriores. Usa-se primeira pessoa do plural, assim, o interlocutor coloca-se no mesmo lugar de fala do ouvinte e há uma interatividade na relação emissor-receptor.

No segundo tópico, são retratados os episódios de **“Censura à imprensa”**.

Agendamento: São três matérias sobre o assunto: *“‘Estado’ rompeu após eleições canceladas”*; *“‘Façam matérias, os censores que cortem’”* e *“Áudios: sete passos para a ditadura”*.

Enquadramento: Na primeira matéria já há uma identificação e reconhecimento de que o jornalista, Júlio de Mesquita Filho, então diretor do jornal na época, participou do golpe e declarou *“em defesa da democracia, sou um conspirador”*. O que mostra que há uma preocupação do veículo em reparar os erros, como não acontece nos demais.

A última divisão é intitulada **“Tortura”**.

Agendamento: Apresenta também três matérias: *“Tortura chegou aos oficiais militares”*; *“Entre torturadores, 40% eram civis”* e *“Como atuavam os DOI-CODI”*.

Enquadramento: Embora não sejam longas, as matérias, há muita informação sobre o episódio, e devido a separação dada pelo veículo, mais ênfase sobre os temas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa deste artigo, percebe-se o poder de influência das notícias de um modo geral. Os jornalistas têm o poder de apresentar de forma mais didática um assunto, por vezes, mal compreendido pela população e assim facilitar o entendimento, dos mais leigos aos mais politizados. Portanto, é considerado por muitos o quarto poder.

Da mesma forma, o enquadramento e perspectiva/posicionamento são importantes na narrativa do discurso. A partir da avaliação dos jornais sobre o Cinquentenário da Ditadura Militar no Brasil, fica nítido que o lugar de fala é transpassado pela escolha do que expor e do que não expor, e como essa *“esquematisação”* interfere na conscientização do leitor.

O enquadramento dado pelos veículos varia de acordo com sua posição ideológica. Escolhe-se ou estar a favor ou contra a situação, no caso analisado, o golpe militar.

Diante do momento analisado assim como também vivenciávamos um momento parecido, com outras conotações, é claro, pode se perceber que o portal G1 não quis *“tomar partido”* - como feito naqueles anos - quanto ao que estava ocorrendo e simplesmente expôs os fatos ocorridos no passado. Já os outros dois jornais apresentaram um trabalho de apuração mais aprofundado e se posicionaram contra os horrores ocorridos na época.

Por fim, fica o aprendizado de que é necessário escolher bem as palavras e ter consciência de seu lugar de fala, afinal somos formadores de opinião nesse processo incessante de busca pela democracia.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Batista de. **As Manobras da Informação**. 1. ed. Rio de Janeiro. Mauad. 2000.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Direito à participação em assuntos públicos**. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. 2013.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. 28. ed. Rio de Janeiro. Vozes. 1997.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. **Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidade e limitações de método**. João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2014.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. 2 ed. rev. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2014.

HOHLFELDT, Antonio (orgs). *et al.* **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 10. ed. Rio de Janeiro. Vozes. 2010.

JUAREZ BAHIA, Benedito. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro. Mauad X. 2009. v. 1.

LAGO, Cláudia (orgs). *et al.* **Metodologia de Pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, RJ. Vozes. 2010.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. 7. ed. São Paulo. Edições Loyola. 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5.ed. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 1999. Disponível em: http://jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao.pdf Acesso em 30/04/2022.

Sites:

Documentos Revelados. Disponível em: <http://www.documentosrevelados.com.br/> Acesso em: 6/11/2014

Dilma: Busca da verdade histórica é forma de construir democracia e zelar pela sua preservação. Disponível em: <http://blog.planalto.gov.br/dilma-busca-da-verdade-historica-e-forma-de-construir-democracia-e-zelar-pela-sua-preservacao>. Acesso em 21/09/2015

EUA na América Latina: um longo histórico intervencionista. Disponível em: <http://cebrapaz.org.br/site/todas-as-noticias/205.html> Acesso em 07/06/2016.

Fatos & Imagens: O AI-5. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5> Acesso em 26/05/2016.

Fatos & imagens: O Golpe de 1964. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964> Acesso em 26/05/2016.

Os dois lados. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/os-dois-lados-14862043> Acesso em 15/05/2016

O Jornalismo nos limites da liberdade: Um estudo da cobertura da imprensa sobre os casos religiosos acusados de praticar atividades subversivas durante o Regime Militar. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2421/1/2007_ElianeMunizLacerda.pdf Acesso em 9/10/2015.

Tudo sobre 1964. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/tudo-sobre/1964> Acesso em: 30/04/2022.

Verdade, Memória e Reconciliação. Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/institucional-acesso-informacao/verdade-e-reconcilia%C3%A7%C3%A3o.html> Acesso em 30/04/2022.

50 anos do golpe de 1964. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/50anosdogolpede1964/> Acesso em 30/04/2022.

50 anos do golpe militar. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/50-anos-do-golpe-militar/pre-1964/platb/> Acesso em 30/04/2022.

Governo Jango e o Golpe de 64. Disponível em: <http://educacao.globo.com/historia/assunto/redemocratizacao-brasileira/governo-jango-e-o-golpe-de-64.html> Acesso em 30/04/2022

Recebido/ Received: 26/01/2022
Aceito/ Accepted: 27/04/2022
Publicado/ Published: 30/04/2022